

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2013v15n1-2p357>

MERCANTE, Marcelo S. *Imagens de cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença da Barquinha*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012. 322 p.

Luciane Ferreira Melo

Universidade Federal de Rondônia
E-mail: lucianeferreira01@gmail.com

Ayahuasca é o nome genérico de uma bebida milenar utilizada em rituais ligados à espiritualidade, sendo o termo de origem *quéchuá*, cuja etimologia é dada por Luna (1986, p. 73) como: *aya* – *persona, alma, espírito muerto*; *wasca* – *cuerda, enradadera, parra, liana*. A denominação, segundo esse antropólogo, é uma das mais usadas para designar a bebida, podendo ser traduzida para o português como “corda dos espíritos”, “corda dos mortos”, ou ainda, “cipó das almas”. As três principais religiões brasileiras que utilizam a ayahuasca em seus rituais são: Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha, além da existência de grupos independentes, os denominados neoayahuasqueiros. (Labate, 2004)

A obra de Mercante resulta da tradução e da revisão de sua tese de doutorado, realizada em *Saybrook University*, nos Estados Unidos, e analisa a Barquinha, talvez o sistema religioso menos conhecido dentro os três já citados. A professora Esther Jean M. Langdon, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, assina o prefácio do livro e diz que a pesquisa vai além de uma boa compreensão dos ritos de cura, o que resta comprovado após a leitura da obra.

O autor expõe que a questão de fundo perpassando toda a pesquisa é: “[...] como consciência e matéria interagem?” (Mercante, 2012, p. 19), e já apresenta a resposta ao dizer que tal assunto provoca

outras tantas questões, e que o tema vem sendo discutido por algumas áreas da ciência, como: neurologia, medicina e psicologia, mas tem sido tocado de leve pela antropologia no Brasil (Mercante, p. 19), ou seja, a obra em análise pretende adentrar – e adentra – nesse universo dos estudos da consciência e antropologia da saúde.

No capítulo 1, em “abrindo os trabalhos”, o autor textualiza que a ayahuasca, o cérebro (sistema nervoso), a imaginação (consciência), e a espiritualidade (ou experiência religiosa) são elementos, na prática, indissociáveis (Mercante, 2012, p. 23). Aqui, o autor sugere a utilização do termo “imagens mentais espontâneas”, em vez do termo “miração”, comumente utilizado pelos adeptos das religiões da ayahuasca para se referir ao estado visionário que a bebida pode causar. Para Mercante (2012, p. 43), as imagens mentais espontâneas “[...] são momentos transcendentais para aqueles que comungam deste sacramento em seus rituais”.

No capítulo 2, o autor apresenta sua experiência e trabalho de campo, discorrendo sobre a observação experimental, dividindo com o leitor, inclusive, suas angústias como pesquisador, como, por exemplo, ao descrever: “[...] comecei, então, a me tornar consciente dos desafios e dificuldades que encontraria durante o trabalho de campo” (Mercante, 2012, p. 57), e “[...] fiz tudo o que pude para não perturbar outras pessoas enquanto escrevia em meu caderno de campo, que tinha sempre ao alcance das mãos” (Mercante, 2012, p. 63). Assim, ele aproxima o leitor de suas inquietações para, em seguida, adentrar no capítulo 3 e apresentar alguns dados históricos, sociais e estruturais do Estado do Acre, bem como da Barquinha, em especial do Centro da Barquinha da Madrinha Chica.

O espaço espiritual do Centro em questão é abordado no capítulo 4. Esse espaço é um lugar original, imaterial e multidimensional, em que forças poderosas estão em jogo e, quanto mais desenvolvida espiritualmente a pessoa, mais consciência ela adquire sobre o espaço espiritual (Mercante, 2012, p. 105-106). Nesse capítulo, Mercante novamente divide suas angústias com o leitor e compartilha sua inquietação, neste caso, inquietação que vai além da pesquisa, ao transcrever o seguinte diálogo que tem com uma Preta Velha: “Vó, dentro de

mim eu tenho uma saudade grande, uma saudade de algo que não sei exatamente o que é [...]”, sendo que a vó, uma Preta Velha chamada Maria da Calunga, responde a Mercante: “É saudade de Deus, meu filho!”. (Mercante, 2012, p. 116)

Ainda no capítulo 4, o reino espiritual do Centro é apresentado como um dos elementos do espaço espiritual, assim como “a luz”, e os mistérios. A miração e a mediunidade não são apresentadas, tecnicamente, como elementos do espaço espiritual, porém são formas mais diretas pelas quais, na Barquinha, as pessoas experienciam tais elementos. (Mercante, 2012, p. 148)

Chegando ao capítulo 5, o autor discorre acerca dos seres espirituais, textualizando que o Daime é um ser espiritual encarnado na bebida que se consome nos rituais da Barquinha (Mercante, 2012, p. 153). Ele examina a importância do preparo do Daime – feitiço – e diz que os seres humanos envolvidos no feitiço se tornam uma espécie de parteira para o Daime e que “[...] sem autorização espiritual esse chá é meramente uma substância química, e o espírito do Daime não está encarnado no líquido” (Mercante, 2012, p. 154). A afirmativa vai ao encontro de um depoimento colhido por Cemin (2001, p. 148), no qual Mestre Virgílio diz que “[...] fazendo com essa perfeição de dieta e intenção, sai um corpo divino. Do contrário, sai um corpo vegetal. O Daime não é droga. Feito com perfeição, aquela bebida contém a essência divina, um corpo espiritual”. A ideia de aprender os segredos espirituais do cozimento do chá, segundo o autor, também perpassa a diversos povos indígenas da Amazônia. (Langdon, 1994)

Mercante, ao dar seguimento ao capítulo 5, aborda aspectos do cristianismo e os aspectos africanos e ameríndios presentes na Barquinha. Em relação à conexão da Barquinha com o cristianismo, ele conclui que o argumento principal surge ao se dizer que “[...] o sangue de Jesus ao ser crucificado se tornou o próprio Daime” (Mercante, 2012, p. 160). Tal argumento também é observado em Monteiro da Silva (1983, p. 92), ao elencar que “[...] alguns informantes referem-se à frieza do ritual católico. Mercante fala da eucaristia, diz que o Daime é o sangue de Cristo. Ele não precisa ir à Igreja Católica para comungar, pois lá, quando ele ia era uma coisa banal, secundária... (mas o Daime)

é o corpo de Cristo, o legítimo [...]”, ou seja, o imaginário que o Daime é o sangue de Cristo, está presente tanto na fala de alguns membros da Barquinha, quanto do Santo Daime.

Ao referir-se aos seres espirituais africanos, surge a figura dos Pretos Velhos, sendo que “[...] a principal atitude que um preto velho e uma preta velha trazem para o Centro é a humildade, a qual aprenderam durante o tempo da escravidão e está profundamente ligada à sabedoria que desses seres emana” (Mercante, 2012, p. 169). Por fim, na categoria de seres espirituais ameríndios do Centro, são mencionados os caboclos, seres relacionados à floresta, considerados índios que vêm ajudar as pessoas.

Os elementos que fazem parte das cerimônias da Barquinha são analisados no capítulo 6, a começar pela música, visto que a Barquinha, assim como o Santo Daime (Groisman, 1999), é um sistema musical. Enquanto no Daime a música entoada é chamada de hino, na Barquinha, os cantos são de dois tipos básicos: os salmos e os pontos. Ambos são “recebidos” e, ao contrário do que acontece no Santo Daime, em que os hinos se tornam parte do hinário da pessoa que o recebe, na Barquinha não há um dono do hinário (Mercante, 2012, p. 180). A música é um elemento de suma importância, tanto que está presente na abertura, entrega e fechamento dos trabalhos. Após, é analisada a cerimônia de doutrinação das almas, a qual é dedicada às almas que não tiveram luz suficiente para salvarem a si mesmas após a morte, e juntamente com a doutrinação das almas, ocorre o batismo de pagãos.

O autor, ao analisar as obras de caridade, afirma que elas são o trabalho mais popular do Centro, pois destinadas ao propósito fundamental da Barquinha, a caridade. Nessa cerimônia, a ingestão da bebida não é obrigatória, exceto para os fardados, podendo ser considerada uma das cerimônias mais “públicas”. Também há o “trabalho de instrução”, realizado às quartas-feiras e dedicado ao desenvolvimento espiritual dos membros do Centro e de visitantes e, no dia 27 de cada mês, é realizado o trabalho de prestação de contas, realizada no espaço espiritual, uma prestação de contas que não é “física”.

O autor analisa, ainda, o trabalho das romarias, a quaresma e semana santa, o rosário e a cerimônia das mil ave-marias, bem como

as festas, que são as cerimônias comemorativas. Existem também os trabalhos de limpeza, os quais são identificados como de “limpeza menor” e de “limpeza maior”, que são espécies de limpezas espirituais (Mercante, 2012, p. 217). O autor relata uma forma curiosa de beber o Daime que ocorre no Centro analisado, por meio da realização de rodas de capoeira, porém conclui que até a data de sua última visita (janeiro de 2008), outras cerimônias haviam sido realizadas. Contudo, pelo que se depreende da leitura deste tópico, a roda de capoeira não pode ser considerada como um elemento cerimonial presente no Centro, pois não resta claro se houve continuidade de tal trabalho.

Ao adentrar no capítulo 7, são abordadas, especificamente, as experiências de tratamento de cinco participantes nas cerimônias de cura no Centro, quando são transcritas várias narrativas deles. Sobre os tratamentos em si, Maria, uma das fontes, sobre a pergunta relacionada à ligação entre a miração e seus processos de doença e cura, responde ao autor: “Tem tudo a ver. Mas eu posso te dizer que dentro dos nove meses do tratamento muita coisa, me veio à compreensão” (Mercante, 2012, p. 236). Lisa, outra participante, relata uma experiência em que, durante uma festa no Centro, quebrou o nariz, e quando foi ao médico, no outro dia, ele disse que ela realmente havia quebrado o nariz, mas que, por incrível que parecesse, o nariz não tinha saído do lugar. Caroline teve uma sessão de cura especial e relatou que sentiu sensações físicas que as Pretas Velhas estavam trabalhando com ela. Por fim, o autor analisa as experiências de Rudolf e Júlio. Rudolf associou seus problemas de saúde, em suma, ao “pecado”, enquanto Julio atribuiu seus problemas de saúde à magia negra. Para encerrar o capítulo, o autor diz que, ao analisar o caso de Julio, sentiu-se muito tentado a utilizar a teoria da “eficácia simbólica” de Lévi-Strauss (1967), contudo, não conseguiu dados suficientes para ir a fundo.

Após a análise das narrativas dos participantes, o capítulo 8 explora como as imagens de cura surgem na consciência. Posiciona-se indicando que o processo das mirações é espontâneo, e que a fonte desse fenômeno pode estar fora da consciência do sujeito que a experimenta (Mercante, 2012, p. 253). Argumenta que um dos sinais da espontaneidade das mirações é a incrível surpresa e espanto que

causam. Utiliza os conceitos de experiência imaginativa descritos por Casey (1991) para compreender as mirações e diz que elas são revelações de verdades pertencentes a reinos sagrados, trazidas pelo espírito; e mistérios revelados à pessoa que está vivenciando a miração. Conclui: “[...]os mistérios podem ser entendidos como as ideias de Casey”. (Mercante, 2012, p. 259)

O autor defende a miração como um processo mental espontâneo que pode fazer com que as pessoas tenham novos *insights* sobre suas vidas. Assim, volta a analisar os processos de cura, com base na narrativa das pessoas ouvidas, e argumenta que na Barquinha todos os problemas têm uma causa espiritual. Em conversas com Pretos Velhos se escuta que toda doença é espiritual, ou seja, a cura física estaria diretamente ligada à cura espiritual. Fé é o espaço onde a cura acontece.

Em miração, consciência e cura, o autor analisa que a consciência é o tema tratado de forma central no livro e que o estado de transe produzido pela ingestão ritual da ayahuasca pode envolver uma profusão de imagens nas mirações. Ainda, a bebida intensificaria os estados emocionais e integrativos, sendo esse o processo essencial da cura que acontece mesmo quando a pessoa não está doente. Ele acontece o tempo todo e corresponde à cura espiritual por excelência. A miração pode ser o momento de completa coerência entre elementos internos, externos e espirituais.

Ao finalizar o capítulo 9, o autor faz uma crítica ao conceito de estado alterado de consciência. Isso porque medidas fisiológicas são algumas vezes utilizadas como argumento para evidenciar os estados alterados de consciência, mas essa separação é arbitrária, pois tais parâmetros são realizados com base no que é “normal”. Outro argumento contrário ao uso do termo “alterado” refere-se a outros estados de consciência que utilizam psicoativos. Concordando que essas substâncias produzem estado alterado de consciência, assim, estaria endossada a ideia de que existe um estado “normal”, motivos pelos quais se considera mais correto utilizar a expressão “processo de expansão de consciência”.

E, para “fechar os trabalhos”, ele diz que a intenção do livro foi explorar a relação entre os detalhes subjetivos e objetivos dos processos

imaginativos mentais espontâneos na Barquinha da Madrinha Chica, bem como os detalhes dos processos de doença e cura. A miração é entendida como um momento de “merecimento”, não podendo ser evocada. Por isso, trata-se de um processo espontâneo que, depois de iniciado, o sujeito pode interagir. Elas seriam resultado de uma combinação, na consciência individual, do ritual, da ingestão do daime, de processos de autotransformação e de elementos do espaço espiritual. Resta claro que a Barquinha possui matrizes cristãs, africanas e ameríndias, sendo a caridade o principal trabalho espiritual do Centro. Para ocorrer a cura, alguns elementos devem, em tese, estar presentes: o poder integrativo da combinação Daime + ritual; a fé, a mudança de percepção de si mesmo e a caridade.

O posicionamento de não considerar Santo Daime e Barquinha como religião vai de encontro a pesquisas anteriores (Araújo, 1999; Groisman, 1999; Cemin, 2001; Goulart, 2004; Labate; Araújo, 2009), e pode ser entendido como uma das inovações presentes na obra. Também inova ao realizar uma abordagem interdisciplinar sobre o tema. Analisa símbolos e benefícios para a saúde com o uso da ayahuasca, bem como apresenta discussões acerca da biologia, da psicologia e da cultura. Outra abordagem interessante presente no livro é a utilização do termo imagens mentais espontâneas para miração, e a defesa do uso do termo expansão de consciência, ao invés de alteração de consciência.

O posicionamento pessoal do autor também torna a obra interessante. Um exemplo é quando relata uma experiência na qual ficou no limite entre uma miração e um processo mediúnico e viu-se transformado em um ser aquático (Mercante, 2012, p. 142). Também relata que estava difícil aceitar o cristianismo da Barquinha, pois cresceu como católico, mas descobriu com o tempo o espiritismo e a umbanda (Mercante, 2012, p. 155). O compartilhamento de fatos tão pessoais aproxima o leitor do pesquisador e torna a leitura muito prazerosa.

A obra é de suma importância para quem pretende compreender os encantos do mar sagrado da Barquinha e, quem sabe, adentrar em algum de seus encantos.

Referências

- ARAÚJO, Wladimir Sena. *Navegando nas ondas do Daime: história, cosmologia e ritual da Barquinha*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- CASEY, Edward S. *Spirit and Soul: essays in philosophical psychology*. Dallas: Spring Publications, 1991.
- CEMIN, Arneide Bandeira. *Ordem, xamanismo e dádiva: o poder do santo Daime*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.
- GOULART, Sandra Lucia. 2004. *Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica: as religiões da ayahuasca*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Campinas, 2004.
- GROISMAN, Alberto. *Eu venho da Floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*. Florianópolis: Editora UFSC, 1999.
- LANGDON, Esther Jean Matteson. *A Negociação do oculto: xamanismo, família e medicina entre os Siona no contexto pluriétnico*. Trabalho acadêmico apresentado no Concurso para Professor Titular do Departamento de Antropologia, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.
- LABATE, Beatriz Cauiby. *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- LABATE, Beatriz Cauiby; ARAÚJO, Wladimir Sena (Org.). *O uso ritual da Ayahuasca*. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- LUNA, Luis Eduardo. Bibliografia sobre el ayahuasca. In: LUNA, Luis Eduardo (Org.). *América indígena*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1986. v. 46, p. 73-74.
- MONTEIRO DA SILVA, Clodomir. *O Palácio de Juramidam – Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.

Recebido em 16/06/2013

Aceito em 19/08/2013